



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Interstícios

Ana Cabral Rodrigues¹

Marcos Eichler de Almeida Silva²

Resumen:

Ao realizar uma precisa distinção conceitual entre a experiência que se engendra através da passagem da palavra e da tradição compartilhada (Erfahrung), e a experiência vivida, ou “vivência” pessoal que se encerra na insularidade de uma vida (Erlebnis), Walter Benjamin inaugura uma importante via de análise da constituição moderna de um ethos – de um modo de operar sobre si e o outro – no qual a individualidade se apresenta não somente como um valor, mas também como uma verdade inelutável. Para tanto, Benjamin retoma aquilo que da Erfahrung pode ser recolhido enquanto problematizador do enclausuramento, da privatização da experiência: a potência política da passagem. Passagem esta que afirma a porosidade entre o dentro e o fora, o público e o privado, a vida e a política. Este trabalho se insere precisamente nesta aposta de Benjamin e compreende que a passagem se faz ver nos interstícios da história cotidiana, no trivial, nos inquietos e incompletos movimentos das micro e macropolíticas da vida. Políticas cotidianas – seja a assepsia almejada pelas grandes reformas urbanísticas, a felicidade estampada nos outdoors ou os infames usos da rua – que tecem gestos, razões, desejos e temores, e cujos efeitos não podem ser ignorados impunemente

¹ Doutoranda do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. e-mail: anacro@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica/IP. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Faperj. e-mail: marcoseichler@gmail.com



Interstícios

Ao realizar uma precisa distinção conceitual entre a experiência (*Erfahrung*) que se engendra através da passagem da palavra e da tradição compartilhada, e a experiência pessoal de um mundo particular e privado (*Erlebnis*), ou “vivência” tributária de um sujeito individualizado substancial, Walter Benjamin inaugura uma importante via de análise da constituição moderna de um *ethos* – de um modo de operar sobre si e o outro – descolada de um campo psicológico, essencializante. Tal distinção é construída, em especial, nos ensaios *Experiência e Pobreza* (1933) e *O Narrador* (1936), nos quais Benjamin aponta para o processo de fragmentação e secularização característico do capitalismo a partir do qual a possibilidade da transmissão, do revezamento da palavra de uma geração a outra, de uma vida a outra, se torna cada vez mais exígua. Com isto, a dor, os dilemas, mas também a alegria e os sonhos passam a constituir o tecido de uma interioridade inacessível, incomunicável. A experiência da intimidade, de um eu distinto substancialmente do mundo, do outro, da cidade emerge como uma realidade inscrita no corpo – em suas intensidades, virtualidades e materialidades. Deste modo, por certo, as mudanças que marcam a modernidade, as transformações das forças produtivas não são tomadas como algo “restrito ao econômico, ou como determinação transcendente que [comandaria] mecanicamente outros níveis da vida social, e sim [uma força] presente nas tramas das culturas, do cotidiano, nos minúsculos espaços da ação humana, como nos gestos, nas articulações de sentido dos olhos com as mãos no ato do trabalho, nas inquietações produtoras de sonhos, utopias e memória” (Baptista, 1997, p. 174).

Atento a estas tramas – aos arranjos moventes e incompletos marcados por tensões, dissimetrias, descontinuidades – Benjamin traz, enfim, o conceito de experiência para um campo político; apresenta-o como uma aposta ética. Pois *o político*, para Benjamin, não consiste em um esforço de modelar a realidade segundo um ideal transcendente, mas de trazer a exigência de uma felicidade radicalmente profana – ou seja, finita, mortal, ao mesmo tempo efêmera e atual (Gagnebin, 2001, p. 95). Como os traços deixados no chão, nas ruas da Nápoles narrada por Benjamin:

Alguém se ajoelha no asfalto, ao seu lado uma caixinha, e a rua é uma das mais animadas. Com giz colorido desenha na pedra um Cristo, mais ou menos em baixo da cabeça da Madona. Entrementes,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

um círculo se fechou a sua volta; o artista se ergue, e, enquanto espera ao lado de sua obra durante quinze, trinta minutos, da roda caem escassas moedas contadas por sobre a cabeça, o tronco e os membros de sua figura. Até que ele as recolha, todos se dispersam, e, em poucos instantes, o desenho está pisoteado (Benjamin, 1987, p.149)

Os pés que passam e borram os contornos do desenho, que o desfaz, são pistas valiosas para compreendermos o estatuto político da experiência. Pois a *Erfahrung*, em Benjamin, constitui-se não como o mais autêntico dos modos de existência que, sobrepujado pelo advento da subjetividade individualizada, clamaria por uma restauração. Mas, radicalmente diferente disto, constitui-se como convite à atenção aguda ao presente através daquilo que urde esta experiência: a *passagem*. Ou ainda, aquilo que “passa arrancando-nos dos limites daquilo que somos” (Baptista, 2005). Eis precisamente o que indica o radical *fahr*, do alemão: “percorrer, atravessar uma região durante uma viagem” (Gagnebin, 1999, p. 58). Das travessias de uma vida a outra, das passagens das histórias contadas e recontadas de pai para filho, do narrador ao ouvinte, a experiência que é tecida para além ou aquém da insularidade de *uma* vida, se faz ver, não por um tom melancólico, conforme indicamos, mas como uma chance que urge no *tempo de agora*. Isto é, tempo “do oportuno, da ocasião que se pega ou se deixa, do não previsto e, [igualmente], do decisivo” (Gagnebin, 2007). Como o despertar de um torpor, de uma sonolência, de uma mera contemplação de uma história que parece seguir rumos próprios, inelutáveis. Tempo de *Kairos* que colaba a linearidade dos calendários, a justaposição dos fatos seqüenciados uns após os outros. Tempo como intensidade, enfim, que se inscreve por um *ato ético* – escolha aguda, mas sem garantias – de sulcar descaminhos.

Ao afirmarmos que se trata de um ato ético, não se quer com isso indicar o momento oportuno para a escolha do correto, do bem que escreveria, enfim, a boa História, a vida plena. A ausência de garantia que predica a escolha a constitui de maneira diferente de um ato de eleição do que está *dejá-lá*, como objetos dispostos em prateleiras a espera de serem apanhados. Ela indica que a escolha é ato produtivo – opera cortes, descontinuidades –, é ato instituidor de realidade. Se assim o é, o real deixa de ser o eterno, o imutável, aquilo que é sempre idêntico a si mesmo. A escolha, desta forma, passa a ser marcada por um índice de risco e acaso. Tal qual o passo de um equilibrista sobre a estreiteza da corda. Pés que se atrevem a andar na ausência da



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

segurança do chão. E cujos passos se dão pouco a pouco – isto é, de movimento tático³ em movimento tático – em uma estreita relação e em atenção aos mais ínfimos balanços, à singularidade de cada tremor que surge do *encontro* da corda com seus pés. Tremor que irrompe *entre* um e outro.

É a partir, portanto, deste *ato* ético que se penetra a opacidade do passado e se retomam fios de histórias que se exauriram, que ficaram pelo caminho, inacabadas, interrompidas antes mesmo que pudessem dizer-se, antes que conseguissem enunciar um possível, um desvio, um *outro*. O passado, decerto, nunca volta como era, na repetição de um pseudo-idêntico. Mas é precisamente isto que traz a importância política de sua retomada. O passado desfaz-se enquanto ocorrido e refaz-se como um lampejo, uma centelha de esperança (Benjamin, 1987, p.224), sem qualquer ar redentor ou o brilho das glórias que eternizam heróis e grandes fatos. Refaz-se como um sopro novo que debela o sufocamento dos problemas que nos parecem dados por si só, e que estão simplesmente à espera de respostas a eles correlatas. Puxar estes fios – os fios inquietos de histórias que se trançam, desmancham-se e tornam a se trançar pelas *passagens* de uma a outra – significa fagulhar a tranquilidade asséptica do *eu* psicológico como verdade pura e sem conseqüências. Há de se fazer falar seus efeitos. Puxar estes fios significa interromper uma história que não tem cessado de narrar a privatização da existência como última e única saída.

Que caminhos outros podem advir da cesura das histórias de si? O que um pensamento que traz a *Erfahrung* como aposta ética dá passagem? Sigamos por alguns dos fios deixados por Benjamin.

Se pelas *madeleines* de Marcel Proust⁴ Benjamin vislumbrou que do trivial, dos resquícios pode emergir o inesperado – aquilo que não sendo previsto por nenhuma estratégia, nenhum *apriori* nos arranca do centro e da origem de nossa própria história. Em sua autobiografia, intitulada *Infância Berlinese*, Benjamin vê uma chance de dar passagem, de acolher este inesperado. Pelas frestas de um mundo que não consegue conter a porosidade entre o dentro e o fora, entre a vida e a política, sua autobiografia traz, instigantemente, “a experiência da grande cidade tal qual ela se apresenta a uma criança da classe burguesa, no início do século XX, e isto apesar de todas as estratégias

³ Tática – em sua fugacidade e necessidade contínua de reinventar-se – em distinção à estratégia. Cf. Certeau, Michel de. A invenção do Cotidiano. vol. I - artes de fazer. Vozes, Petrópolis, 1994.

⁴ Proust, Marcel. Em busca do tempo perdido, vol 1 – No caminho de Swann. Ed. Globo, Sao Paulo, 1998.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

familiares e sociais para esconder a existência dos outros, dos pobres e dos revoltados, da miséria e da morte” (Gagnebin, 1999, p.81). As histórias que narra não cabem na particularidade de vida de um menino, por isso Benjamin recusa o uso da primeira pessoa. Recusa igualmente a coerência da narrativa de um fio contínuo que visa garantir a permanência da identidade deste que, já na idade adulta, recorda a infância em sua cidade natal.

Uma Berlim, que é antes de tudo labiríntica, incita a um perder-se em uma profusão de fios soltos das lembranças, que, em seus arranjos e rearranjos, urdem pouco a pouco, imagens entrecortadas, fragmentadas. As imagens através das quais o menino do início dos noventa e o homem dos anos de 1930 perambulam não os convidam a reencontros, a revelações dos segredos que os junte em uma totalidade de si. Estas imagens não guardam sentidos verdadeiros sob suas aparências. Elas são como as meias-bolso, enroladas do modo tradicional, no fundo do armário (Benjamin, 1987, p. 122). Meias de lã com as quais o menino brincava de desmanchá-las e refazê-las, em um movimento ininterrupto e repetido que, no entanto, encantava-o a cada vez que redescobria que meia e bolso, que superfície e interior eram a mesma coisa. A imagem, em Benjamin, é como o leque fechado – sem profundidades, sem conteúdos latentes, apenas dobras. Desdobrá-las é dar-lhe fôlego e nova amplitude (1987, p. 41). Pois nestas dobras não se encontra a ilustração do que o autor obstinadamente tenciona dizer sobre si – o que faz do *eu* seu *telos*. Mas nelas se encontra a intensidade de uma atenção sensível – como o encontro das mãos com as meias lanosas, ou como o são o encontro da língua com o sabor das madeleines, ou ainda, como o encontro dos pés do equilibrista com a corda. Estas imagens fragmentadas são, enfim, “como saltadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção” (Benjamin, 1987, p. 61).

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito” – afirma Benjamin (1987, p. 73). As contínuas ratificações, os reconhecimentos quase que instantâneos dos signos, dos traçados e movimentos da cidade habitual pouco exigem daquele que por suas ruas perambula. “No entanto, perder-se numa cidade, como alguém que se perde numa floresta, requer instrução [requer esforço]. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado [...]” (1987, p. 73). Não se trata, notemos, de um conhecimento que guarda os segredos daquilo que deve ser feito no momento em que se estiver perdido – algo que levará, mais uma vez, a um



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

reencontrar-se. Trata-se, por outro lado, de um risco; da existência de um saber que arrisque sua própria decomposição para que seja possível perder-se. Perder-se, portanto, não é vã fruição desinteressada; é insídia nos interstícios das histórias de si e do outro, dos quais retornam borrões que não cabem na ordem dos dias.

“(…) já naquela época, quando minha mãe me repreendia a rabugice e o andar sonolento, percebi vagamente a possibilidade de mais tarde subtrair-me de seu domínio em *conluio com essas ruas, nas quais, não sabia me orientar*. De todo modo, não havia dúvida de que o sentimento – infelizmente, ilusório – de abjurar minha mãe, sua classe e a minha, era o responsável pela atração por me dirigira uma prostituta em plena rua [...]. *E assim lancei minha voz através da abertura*. Então meu sangue zumbiu em meus ouvidos, e fui incapaz de recolher as *palavras que vinham da boca excessivamente borrada* e que caíram a minha frente. Fugi para repetir naquela mesma noite – e em tantas outras – a audaciosa experiência. Quando então, muitas outras vezes ao amanhecer, eu me detinha em algum portal, já me enredara sem saída nos laços do asfalto da rua, e não eram as mãos mais limpas que me libertavam” (Benjamin, 1987, p. 126 – grifo nosso).

Há nesta imagem intitulada Mendigos e Prostitutas, a fúria de uma felicidade atrevida que anseia dizer-se “suja de mundo” (Baptista, 2005), que anseia salvar-se da rabugice e do andar sonolento. Subtrair-se em conchavo, em conluio com as ruas – com suas máculas e lixos – é esgarçar as frestas, os interstícios de uma vivência pessoal (*Erlebnis*), para que por elas se possa dar passagem ao *outro*. Mas não como ato de piedade, vã curiosidade ou para dar-lhes voz. Afinal, perguntamos: não há no afã por “dar voz” às minorias o risco da mera disposição de suas falas de maneira quase zoológica? Ouvindo-se, assim, delas apenas o que devem ou o que podem dizer enquanto tal. O que, para além ou aquém de vozes que dizem de sua condição minoritária, podem enunciar? Poderiam elas provocar ruídos nesta escuta arrogante?

Benjamin vai ao encontro de prostitutas e mendigos pelo fascínio de poder narrá-los como se fossem “palavras que ainda não [têm] idioma”, como dirá o poeta Manoel de Barros (1994, p. 56). Despindo-os dos conceitos tranquilizadores que os constitui enquanto escória ou excluídos, pobres coitados ou bandidos. Pois é somente pelas frestas da experiência que este *outro* pode vir como projétil, como um fragmento



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

que estilhaça o *Mesmo* (Badiou, 1995); como uma *boca excessivamente borrada* que arranca este menino-escritor-menino do cárcere de si. Liberta-o, salva-o.

Longe de ser um encontro final com um paraíso prometido – onde a história se encerra e nada mais há o que fazer senão desfrutar da plenitude – a salvação, que é feita por mãos não tão limpas, consiste na interrupção da *catástrofe* (Benjamin, 2007, p. 515). Isto é, “que as coisas continuam assim” (p. 515). Em outras palavras, é somente através destas aberturas que o *outro* nos chega como um *acontecimento* – como interrupção à força esmagadora e asfixiante de um tempo “indiferente e infinito que corre sempre igual a si mesmo, [e que] passa engolfando o sofrimento, o horror, mas também o êxtase e a felicidade” (Gagnebin, 1999, p. 96). Força que nos arranca a capacidade de estarmos atentos e recolhermos aquilo que *acontece*, estes restos de histórias – como o faz o trapeiro do poema de Charles Baudelaire (1985, p. 29) que, escarafunchando cantos esquecidos da cidade, recolhe seus despojos, suas ruínas, coisas menores, *desúteis* (Barros, 2010, p. 325)⁵.

Desutilidade, notemos, não é sinônimo de inutilidade – qualidade daquilo que não tem uso ou função. A *des-utilidade* que trazemos a partir da poesia de Manoel de Barros, pode ser compreendida, portanto, como aquilo que *des-faz* utilidades, ou melhor, que recusa o imperativo do útil. Imperativo amplamente bradado com o tom urgente da pergunta: *Para que isto serve? Qual a sua utilidade?* De fato, às *desutilidades* não faz sentido perguntar: *Qual seu préstimo?*, mas urge perguntar: *qual sua importância?* Radical diferença entre utilidade e importância. Pois, se por um lado, as utilidades se inscrevem a partir de relações injuntivas entre realidades prescritas e que se ratificam mutuamente: *a rua serve para a mobilidade; ouvir os pobres serve para conhecer suas carências; a casa é útil para preservar a privacidade* etc. Por outro lado, perguntar sobre a importância das *desutilidades* traz a chance preciosa – e igualmente, o risco – de se falar de um outro lugar que não seja regido exclusiva ou prioritariamente pelos pré-escritos, pelas medidas e formas conhecidas, predicadas e controladas. Pois a importância não é necessariamente um movimento em direção ao *mesmo*: da rua à circulação; do pobre à falta; da casa à privacidade. Ao invés de perguntar apressadamente: *para que serve ouvir o pobre?*, por exemplo, a importância

⁵ “O nada do meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, *abridor de amanhecer* [...]. O que eu queria era fazer brinquedo com as palavras. Fazer coisas *desúteis*”



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

das desutilidades ecoa a urgência da questão: *o que **pode** a escuta que se dirige ao outro? Ou ainda: que inauditos **podem** saltar da fala do outro?*

Deste modo, recolher aquilo que nos chega como restos, como *desutilidades*, não significa inventariá-los, dispô-los lado a lado. Mas sim usá-los. Usá-los no desassossego de sua alteridade. Ou seja, nem de maneira tão próxima que seriam mortificadas pela vontade de controlá-las e transformá-las em coisa sua⁶, nem a uma distância que faz, ao longe, tudo reluzir como paraísos perdidos ou como a coleção de fina porcelana, intocável. Trata-se de usar estes restos com o cuidado daquele que sente que tateia preciosidades, entretanto sem o respeito exagerado que lhes atribui o peso da aura⁷, a completude da verdade ou o apaziguamento das soluções. Usá-los para restituir-lhes a intensidade, fazê-los atuais (Benjamin, 2007). Uma atualidade que é, ao mesmo tempo, fulgurante, evanescente e destruidora⁸.

Eis aquilo que melhor predica as imagens-fragmento construídas por Benjamin. Aquilo que as faz fagulhar *o tempo de agora* é precisamente esta atualidade. Pois, como as fotografias de Eugène Atget⁹, elas parecem sugerir uma falta de margem, uma certa porosidade entre aquilo que se dá a ver, e aquilo que de inaudito que *ainda pode acontecer*. Nesta porosidade está o convite que apenas um pensamento que apresenta a *Erfahrung* como uma aposta ética e não como um lamento saudosista, pode fazer. Um convite ao movimento de revezamento de uma história a outra, de uma imagem a outra. Trata-se, por certo, do próprio movimento *da passagem* feito método e modo de pensamento.

⁶ Eis o desejo ardoroso de inúmeros discursos de inclusão contemporâneos: tornar a alteridade tão anódina quanto possível, despotencializá-la naquilo que elas tem de mais radical.

⁷ Aquilo que é imaculado de mundo; imaculado do *político* enquanto movimento inquieto – *humano, demasiadamente humano* – de invenção e reinvenção da vida, do humano, da história em suas descontinuidades, paradoxos, disputas e dissimetrias. Construindo, assim, verdades que tem o brilho e o peso de suas origens atemporais. Sobre a aura, cf. Berman, Marshall. Tudo que é Sólido se desmancha no ar – a aventura da modernidade. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

⁸ “Esses dois aspectos, o jubilatório e o aniquilamento, são inseparáveis, ou melhor, é justamente a união de ambos que permite pensar, segundo Benjamin, o conceito de uma verdadeira atualidade: fulgurante, evanescente e destruidora” (GAGNEBIN, 2005, p. 124).

⁹ Eugene Atget fotografou Paris no início do século XX; suas imagens apresentam uma cidade que talvez não seja como a dos cartões postais da Cidade-luz. São muitas imagens desertas ou semi-desertas, fotos de ruas e ruelas, ou de estreitos caminhos em um parque ou praça. Sejam eles retos ou curvos, ladeiras ou escadas, as lentes do fotógrafo parecem querer alcançar seus limites, ou sugerir que ainda vão adiante.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Será, sobretudo, nas técnicas de montagem cinematográfica¹⁰ que Benjamin encontrará a possibilidade de realizar estes revezamentos, estas passagens. Dispondo, desfazendo, recompondo, opondo, provocando choques e sobreposições, as imagens adquirem uma leveza preciosa, e ao mesmo tempo, uma intensidade, uma potência no momento em que emergem. A imagem construída em *Espaço para o Precioso* (Benjamin, 1987, p. 242) faz ver e sentir esta agudeza. Benjamin narra os movimentos dos objetos que deslizam entre os interiores e exteriores das casas no sul da Espanha.

Através de portas abertas, em frente das quais estão recolhidas cortinas de pérolas [...], o olhar penetra os interiores, de cuja sombra o branco das paredes se destaca deslumbrantemente. Essas paredes são caiadas várias vezes ao ano. E em frente à parede dos fundos geralmente ficam, rigidamente alinhadas e simétricas, três, quatro cadeiras. Mas em torno de seu eixo central atua o fiel de uma balança invisível, na qual o acolher e o repelir têm o mesmo peso. [...] Quando o *sombrero* está pendurado no espaldar, num abrir e fechar de olhos mudaram a sua função. E no novo grupo o chapéu de palha não parece menos precioso que a simples cadeira. Assim podem se encontrar a rede de pesca e o tacho, remos e ânfora de barro, e cem vezes ao dia, por conta da necessidade, estarão prontos a mudar de lugar, a se reunir novamente. Todos eles são mais ou menos preciosos. E o segredo de seu valor é a sobriedade – aquela parcimônia do espaço vital no qual *não ocupam apenas o local visível que ocupam*, mas também os espaços sempre novos para os quais são criados. [...] Mas em nossas casas bem providas não há espaço para o precioso porque não há folga para os seus serviços. (1987, p. 242 – grifo nosso)

Perguntamo-nos: o que seria este “precioso”? Seria ele da mesma ordem daquilo que move a atenção do trapeiro ao recolher os rebotalhos da cidade? Arriscamos responder que sim. Pois assim como os farrapos recolhidos não têm em si qualquer brilho que os faça valiosos, o precioso de que fala Benjamin não é um algo em si, substancial. Mas esta virtualidade de que se realizem novos e inesperados arranjos das histórias que estão sendo narradas. Para que nelas não se faça ouvir a falácia do *felizes*

¹⁰ Além do cinema a técnica de montagem benjaminiana tem importante diálogo com as técnicas de vanguarda do início do século XIX, como o Dadaísmo, o Surrealismo, o teatro épico e os meios de comunicação de massa jornal. Cf. Bolle, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. EDUSP, São Paulo, 2000.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

para sempre, mas a felicidade atrevida do menino que lança sua voz pelos interstícios da história.

BIBLIOGRAFIA

Atget, Eugène, Eugène Atget: Um choix de photographies extraites de la collection du Musée Carnavalet. Centre National de la Phoographie, Paris, s/d.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Badiou, Alan. *Ética, um ensaio sobre a consciencia do mal*. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

Baptista, Luis Antônio, *As Cidades da Falta, Em: Saúde e Loucura*, nº4. Hucitec, Rio de Janeiro, 1997.

_____, *Arte e Subjetividade na Experiência Teatral: Contribuições de Jurema da Pavuna*. Em: Maciel, A. et al. *Polifonias: Clínica, Política e Criação*. Editora Contra Capa, Rio de Janeiro, 2005.

Barros, Manuel de, *Poesia Completa*. Ed. Leya, Sao Paulo, 2010.

Baudelaire, Charles, *O poema do haxixe*, Newton Compton, Rio de Janeiro, 1996.

Benjamin, Walter, *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1996.

_____, *Obras Escolhidas II, Rua de mao única*. Ed. Brasiliense, Sao Paulo, 1987.

_____, *Passagens*. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2007.

Gagnebin, Jeanne Marie, *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

_____, *Memória, História, Testemunho*. Em: Bresciani, Stela (org.) *Memória e (Res)sentimento*. Edusp, São Paulo, 2001.

_____, *O método desviante*. Disponível em: Oficina da Filosofia. <http://oficinadefilosofia.wordpress.com/2007/02/21/o-metodo-desviante-por-jeannemarie-gagnebin/>. Acesso em: 02 de maio de 2010.